

estar em um remake. Vou lá para contar uma boa história. E ponto”, avisa, sem arrogância, mas com a segurança de quem construiu uma carreira com os pés no chão. Na televisão, Lima interpretou do gigolô Patrick, em *Insensato coração* (2011), ao delegado Marino, de *Terra e paixão* (2023), passando pelo soldado Davi, que fica paraplégico em *Joia rara* (2013), e pelo nobre príncipe de Valedo Jacques de Alencastro Bourbon, em *Belaventura* (2017, na Record).

## Acompanhado pela música

Antes de cruzar oceanos como modelo e estudar atuação no exigente Lee Strasberg Institute, em Nova York, a história do artista começou na música, no fervor dos carnavais nordestinos, como vocalista da Ala Ursa. “A música sempre me acompanhou”, diz. E acompanhou mesmo — passando por repórter especial do extinto talent show *Dancing Brasil*, apresentado por Xuxa na Record, até levá-lo a um dos papéis mais importantes da carreira: Elvis Presley no musical *Elvis — a musical revolution*, que estreou em São Paulo no ano passado.

Leandro é uma pessoa que vive a música o tempo todo, com playlists para qualquer momento. “Eu gosto de fazer playlists, gosto de pesquisar músicas, de ouvir discos, pegar nos discos. A minha relação com Elvis era superficial, eu sabia o que todo mundo sabe dele, mas, agora, as 27 canções que estavam no espetáculo fazem parte das minhas playlists e da minha memória afetiva, com certeza. Foram 64 dias de preparação. Um mergulho intenso”, admitiu o artista, que viajou para Memphis, nos Estados Unidos, para fazer pesquisas que o ajudassem a humanizar o mito.

Curiosamente, não foi a primeira vez que Leandro deu voz a personagens apaixonados por música. Na série *Coisa mais linda*, da Netflix, ele foi Chico, um músico romântico na era da bossa nova. “Foi uma realização. Um projeto que eu adoraria que tivesse continuado”, confessa, deixando escapar uma ponta de saudade da série que retratava, de forma feminista, os anos 1950 no Rio de Janeiro.

O pisciano é também um observador atento das mudanças sociais — e das masculinidades em transição. “O Leandro de ontem não é o Leandro de hoje. A sociedade está se repensando, e a gente tem que acompanhar esse movimento. A gente precisa evoluir, não por modismo, mas por consciência coletiva.”

## Pai, galã e nordestino

Sem discursos prontos, o artista fala com genuinidade sobre machismo, representatividade e as novas paternidades. Pai de Giulia, nascida quando ele tinha apenas 18 anos, e de Toni, que chegou quando ele já passava dos 40, ele compara as duas experiências com delicadeza. “Antes, era sobre sobrevivência. Agora, é sobre presença. Sobre escuta.” Entre fraldas

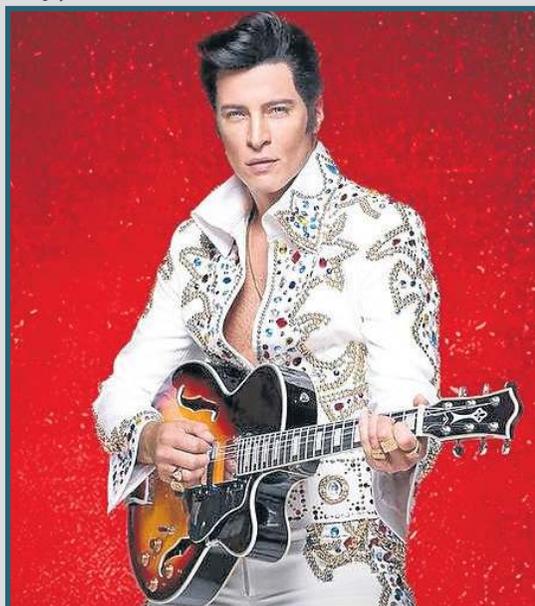


Como Walter, com Odete Roitman (Debora Bloch), em *Vale tudo*



Marino (Leandro Lima) e Lucinda (Débora Falabella), em *Terra e paixão*

Divulgação



O artista viveu Elvis Presley no teatro



O boiadeiro meio jagunço Levi, em *Pantanal*

e roteiros, ele encontra tempo para refletir sobre o que significa educar em tempos de mudanças aceleradas — e para rever seus próprios caminhos.

“Tem muito material que a gente tem que ir absorvendo e tentando melhorar. Tem muitas coisas que eu já melhorei bastante, como certas condutas que são muito mais maduras e tranquilas. Naquela época, eu tinha que trabalhar para sobreviver, estudava, tinha uma banda e queria curtir também um pouco a vida. Era tudo muito ao mesmo tempo. Agora, as coisas estão mais calmas, vamos dizer assim”, defendeu Lima, que é casado — mantém com mãe do filho caçula um relacionamento de mais de 10 anos.

E o galã? O símbolo sexual? Ele sorri. “Não me incomoda. Só espero que enxerguem o trabalho para além disso. Porque quando a carinha não for mais bonita, eu quero que o trabalho permaneça.” Frase de quem sabe que beleza é passageira, mas talento, quando bem cuidado, amadurece como bom vinho.

Vaidoso, sim — com a vaidade de quem já desfilou

para Versace, Calvin Klein e Christian Dior, mas que hoje prefere cuidar da pele pela saúde, não pela obsessão. “Envelhecer me assusta menos do que ver gente muito nova fazendo procedimentos para parecer mais velha. Eu quero envelhecer com dignidade”, reflete o ator que recentemente protagonizou o thriller erótico da Netflix *O lado bom de ser traído*.

Paraibano com orgulho, Leandro é enfático sobre a representação nordestina na mídia. “Está melhorando. E tem que melhorar mesmo. Chega de sudestino fazendo nordestino caricato. Agora é a gente, com nossa prosódia, nosso corpo, nosso tempo”, conclui o ator, que está previsto no elenco de *Três graças*, a sucessora de *Vale tudo* no horário.

Com o mesmo corpo que souou sobre o trios elétricos do axé, vestiu o rhinestone de Elvis e encarna personagens diversos, entre um extremo e outro, Leandro Lima não se transformou: multiplicou-se. É ator, cantor, modelo, galã, pai e, não por acaso, escolheu para si um ofício que exige o corpo inteiro: o de contar histórias.